TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2006

"ESTAR EM ESCRAVIDÃO": UM ESTUDO EXEGÉTICO DE GÁLATAS 4:25

Elmer Arrais Guzman
Graduado em Jornalismo e Teologia pelo Unasp, Engenheiro Coelho (SP)
TCC apresentado em dezembro de 2006
Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.
elmerguzman@gmail.com

Resumo: Esse estudo exegético tem como objetivo entender o que significa a expressão "estar em escravidão", em Gálatas 4:25. Um grupo relaciona a expressão à observância da lei de Deus como método de salvação e norma de conduta, dessa forma a graça de Cristo implicaria isenção de obediência a mesma. Por sua vez, outros entendem "escravidão" apenas em seu teor soteriológico, sem abolir as práticas normativas para a conduta cristã. O presente estudoaborda essa roblemática, analisando o contexto histórico, literário, léxico-sintático e teológico.

Palavras-chave: Gálatas, escravidão, lei, salvação, circuncisão, justificação.

"To Be in Slavery": An Exegetical Study of Galatians 4:25

ABSTRACT: This exegetical study has as a goal to understand the meaning of the expression "to be in slavery" of Galatians 4:25. One group understands this expression as referring to the observance of the law of God as a method of salvation, and as a norm of conduct. Under such a perspective, the Grace of Christ implies into the exemption from obeying the law. In the other side, there are those who understand "slavery" only in its soteriological meaning, without the abolition of the normative practices for Christian conduct. The present research approach this issue through the analysis of the historical, literary, lexical, syntactical, and theological contexts of the problem.

KEYWORDS: Galatians, slavery, law, salvation, circumcision, justification.

ELMER ARRAIS GUZMAN

“ESTAR EM ESCRAVIDÃO” : ESTUDO EXEGÉTICO EM GÁLATAS 4:25

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, como requisito parcial à obtenção da graduação no Bacharelado em Teologia sob a orientação do Prof. Reinaldo Siqueira, Ph.D.

Engenheiro Coelho – SP
2006

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 14 de dezembro de 2006, pela banca constituída pelos professores:

Prof. Reinaldo Siqueira, Ph.D. – Orientador

Prof. Dr. Ruben Aguilar – Leitor externo

Prof. Amin Américo Rodor, Th.D. – Diretor do curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1
0.1. Problema 1
0.2. Metodologia 2

CAPÍTULOS

I. REVISÃO LITERÁRIA 4
1.1. A observância da lei como norma de conduta e método de salvação nos escraviza 4
1.2. A observância da lei apenas como método de salvação nos escraviza 5
1.3. Conclusão Parcial 6

II. O TEXTO 7
2.1. Delimitação da Perícope 7
2.1.1. Elementos de Unidade 7
2.1.2. Elementos de Divisão 7
2.2. O Texto da Perícope 8
2.3. Tradução 10
2.4. Conclusão Parcial 12

III. CONTEXTO HISTÓRICO 13
3.1. Contexto Geral 13
3.1.1. O autor 13
3.1.2. Data, local 13
3.1.3. Contexto histórico, político, social e religioso 14
3.2. Contexto Específico 15
3.3. Conclusão Parcial 17

IV. CONTEXTO LITERÁRIO 18
4.1. Gênero Literário 18
4.2. Forma Literária 18
4.3. Estrutura Literária 19
4.3.1. Estrutura do Livro 20
4.3.2. Estrutura da Perícope 21
4.4. Figuras de Linguagem 22
4.5. Conclusão Parcial 24

V. ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA, TEMÁTICA E TEOLÓGICA ... 25

5.1 O Sentido Etimológico 25
5.2. Contexto da Palavra na Frase 25
5.3. Contexto da Palavra na Perícope 26
5.4. Contexto da Palavra no Livro 28
5.5. Paralelos de Palavras 29
5.6. Paralelos de ensinos gerais 30
5.7. Conclusão Parcial 31

VI. REAÇÃO CRÍTICA E ANÁLISE TEOLÓGICA 33
6.1. Reação Crítica 33
6.2. Reflexão Teológica 35

CONCLUSÃO 36

BIBLIOGRAFIA 39

INTRODUÇÃO

0.1. Problema de pesquisa

Em Gálatas 4:25 está registrada a seguinte declaração, "Ora, esta Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde a Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos"(Almeida [trad.], 1993, p. 156 NT). O objetivo desta pesquisa é entender o significado da expressão: douleuw , que no contexto, implica "estar em escravidão".

O debate sobre a observância da lei é central nos escritos de Paulo, principalmente em Gálatas e Romanos. Portanto, procuraremos responder as seguintes perguntas: A salvação pela graça de Cristo nos exime de observar a Lei? "Estar em escravidão" significa apenas observar o cerimonialismo judaico, ou também se aplica ao decálogo? De que forma o debate sobre a circuncisão esclarece a doutrina da justificação pela fé?

Para este estudo, delimitaremos a compreensão do termo "lei", devido à amplitude de significados. O termo *nomos* significa lei, norma, conformidade com o padrão (ARNDT, 1952, P. 544). Na LXX, o termo "lei" pode significar: decálogo (cf. Ex 20); os cerimonialismos religiosos (cf. Lv 23), Tôrâh (pentateuco), entre outras leis de menor monta, como as casuísticas, etc (Para um estudo mais profundo ver ESSER, 2000, p. 1155). Semelhantemente, Paulo emprega *nomos* para o Pentateuco (cf. Rm 3:21; Gl 4:21), para a totalidade das escrituras (cf. I Co 14:21 cintando Is 28:11-12), para indicar uma parte da lei (lei do casamento, ver Rm 7:2), e especialmente para o decálogo e os cerimonialismos religiosos.

Esta pesquisa utiliza o termo *nomos*, significando principalmente "decálogo" e os "cerimonialismos" vigentes nos rituais judaicos. Quando ocorrer apenas o termo "lei", "lei moral" ou "lei de Deus", entende-se decálogo. Já, quando ocorrer lei no contexto de circuncisão e sistema de sacrifícios, entende-se por isso, leis

cerimoniais. Vale ressaltar, que poderão existir casos que possuam outros significados.

0.2. Metodologia

Esta pesquisa opta pelo método do *Close reading* (leitura atentiva), procurando responder as perguntas pertinentes ao problema de pesquisa.

No primeiro capítulo, será realizado a revisão de bibliografia, sobre a discussão teológica acerca de nosso problema de pesquisa.

No segundo capítulo, utilizaremos o texto em seu original grego para lançar luz ao nosso problema de pesquisa. Ademais, vamos apresentar uma tradução, levando em conta as seis variantes que aparecem no escopo de nossa perícope (Gl 4:1-31).

No terceiro capítulo, abordaremos o contexto histórico geral, apontado a autoria, origem e práticas comuns da época de Gálatas. Além disso, no contexto específico vamos entender o porquê do debate existente no seio da igreja apostólica, em relação à circuncisão, e práticas legalistas.

No quarto capítulo, vamos analisar o gênero literário da passagem em questão, analisando as diversas formas literárias da perícope, em destaque a forma alegórica. Iremos apresentar a estrutura do livro e da perícope, que irá sistematizar Gálatas em linhas gerais, e finalizando, estudaremos as figuras de linguagem pertinentes ao nosso estudo.

No quinto capítulo, será realizado uma análise léxico-sintática, estudando a expressão em seu original. Primeiro faremos um breve estudo etimológico, em seguida procuraremos contextualizar a expressão douleuw , em relação a observância da lei, na passagem, na perícope e no livro. Iremos delinear um paralelo de idéias, dos diversos usos deste termo, e finalmente, vamos apresentar a doutrina da salvação nos *Ensinos Gerais.*

No sexto capítulo, vamos fazer a reflexão teológica sobre o estudo, e a reação crítica sobre as divergências dos autores pesquisados.

Na conclusão, procuraremos nos posicionar, à luz dos autores pesquisados, entre as opiniões distintas sobre o significado de “estar em escravidão”.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

A revisão literária do assunto abrange duas principais vertentes: 1) Aqueles que vêem em Gálatas 4:25 o termo escravidão se referindo a qualquer tipo de observância a lei de Deus, visto que esta foi abolida por Cristo, e o pecador é justificado somente pela fé; 2) Aqueles que vêem a escravidão referida no texto acima como sendo uma observância da lei num sentido legalista, mas consideram que a lei é ainda vigente como norma de conduta.

1.1. A observância da lei como norma de conduta e método de salvação nos escraviza.

A observância da lei cumpriu um papel apenas temporal restrito ao antigo Israel. Esta velha aliança foi necessária e importante para o cumprimento do propósito de Deus para seu povo (DUNN, 2003, p. 183). Entretanto, a fé é paradoxalmente contrária à lei de Deus, tornando impossível atingir a salvação através de fé e obras. O ato de observar a lei como regra de conduta - justificação pelas obras - não é necessário. Portanto, conclui-se que o ato de viver pela graça isenta-nos de viver segundo a Lei. (STOTT, 2003, p.113; SPENCE e EXELL, 1997, p. 238; SHEDD, 2003, p. 176; ERDMAN, 1930, p. 98-99; LÜHRMANN, 1992, p. 6; CHAMPLIN, 2002, v.4, p. 497; BETZ, 1990, p. 240). Embora a posição oficial católica discordar da justificaçao pela fé, chamando-a de ficção legal (Deus não poderia declarar justo, aquele que realmente não o fosse). Vale ressaltar que alguns católicos concordam com a linha protestante, mesmo de forma híbrida, assim como na isenção da observância do decálogo como norma de conduta (FITZMYER, 1972, p.819).

Ao evangelho ser pregado aos Gentios, a ênfase da pregação de Paulo foi a salvação pela graça através da fé, e isto não inclui a guarda da lei. Estar sob a lei significa rejeitar a graça (HOWARD, 1965, p. 22-23). O próprio reformador Lutero compartilhava esta idéia. O fato de Agar, a mulher escrava ser comparada ao Sinai e a Jerusalém apontava diretamente à relação de escravidão que o homem possui com os ritos, templo, cerimônias da lei, que são chamados obras da lei (LUTER, 1979, p. 282). Ademais, o judaísmo se torna antagônico ao cristianismo, assim como fé e as obras (BETZ, 1979, p. 246). A idéia se completa com o seguinte comentário acerca do legalismo:

> O elemento escravidão liga uma terceira grandeza além de Agar e do Sinai, a saber, Jerusalém daquele tempo, que era a sede e a guarda dos legalistas de então (POHL, 1999, p. 161).

1.2. A observância da lei apenas como método de salvação nos escraviza.

Os autores que defendem esta segunda opção concordam que a justificação é única e exclusivamente pela fé. Todos os autores protestantes citados a cima concordam com esta afirmação. Não existe mérito humano neste processo. Entretanto, os cristãos devem guardar o decálogo não para obterem a salvação, mas porque são salvos (NICHOL [ed], 1956, v.4, p. 934; BLAZEN, 2000, p. 295; VELOSO, 2000, p.475; WHITE, 1875). Uma questão de causa e conseqüência, neste caso a guarda da lei é uma conseqüência.

As leis cerimoniais expiraram na cruz (Col. 2:14-17), mas o decálogo continua em força total (Mt 5:17,18). A guarda da lei é uma resposta decorrente à justificação forense pela fé. Esta justificação não tem nada haver com as obras da lei, porém uma vez justificado pela fé, o crente irá cumprir os requerimentos da lei através do amor (HOWARD, 1965, p. 23).

Na cruz, Cristo aboliu as leis cerimoniais e também a condenação trazida pela lei moral ao pecador que aceita o sacrifício de Cristo. Ele recebeu a condenação

que a lei atribuí a todos os homens (cf. Gl 3:13; Dt 21:23). Foi feito pecado, mas isto apenas como representante dos pecados dos outros (cf. II Co 5:21) (ESSER, 2000, p. 1159). A alegação protestante afirma que cumprir os dez mandamentos corresponde à herança na escravidão, porém um argumento não exclui o outro. A ênfase não está em ser justificado pela lei, mas em viver a santificação, uma vez que foi justificado. Portanto, a observância do decálogo como norma de conduta não torna o ser humano em herdeiro da promessa, porque a própria palavra herdeiro, remete a status de nascimento, e não por obras meritórias. Mas, porque se é herdeiro, o crente buscará honrar a Deus observando a lei moral.

1.3 Conclusão parcial

O significado do termo "estar em escravidão" é debatido nos círculos protestantes. Paulo, o apóstolo para os gentios, discute o assunto, fazendo referência ao passado do povo Judeu, em especial a Abraão. No próximo capítulo, vamos analisar a perícope, e ver quais são os assuntos principais debatidos no texto de nosso problema.

CAPÍTULO II

O TEXTO

2.1 DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE

A perícope da passagem analisada encontra-se em Gálatas 4:1-31. Para chegar a esta conclusão, foram respeitados os limites do texto, assim como os elementos de unidade e de divisão.

2.1.1. Elementos de unidade

Ao verificar o contexto da perícope, nota-se a unificação do texto através da argumentação da liberdade cristã da tutela da lei. Seu início é registrado em Gl 4:1, através da ilustração de relacionamento entre pai, filho e tutor. Esta é a passagem de transição da imaturidade dos seguidores da lei, para a maturidade dos seguidores do evangelho.

O elemento final de unidade é a alegoria de Agar e Sara (4:21-31), considerada o argumento bíblico final de Paulo sobre a superioridade da nova aliança sobre a antiga (LONGENEKER, 1990, v.41, p.199). Betz, por sua vez, descreve uma linha de raciocínio argumentativa, que sustenta a doutrina da justificação pela fé, e não pelas obras, apresentando provas argumentativas, ele entende que o argumento alegórico de Agar e Sara refere-se a último etapa da linha de raciocínio, desta forma, o verso 4:31 aponta a conclusão de todo o argumento, “Somos filhos não da escrava, mas da livre”. Este verso, além de delimitar a extensão da perícope da alegoria, finaliza a seção da argumentação e inicia a seção da exortação em Gl 5:1 em diante (1990, p. 238-239).

2.1.2. Elementos de divisão

O primeiro elemento que divide 3:29 de 4:1 é o enfoque. Na perícope anterior (2:15-3:29) a ênfase é na fé versus o legalismo. O v. 29 finaliza evocando a experiência do patriarca abraão, já em 4:1, a ilustração muda o argumento. O patriarca Abraão apenas volta a ser citado nos vss. 21-31, entretanto, alegoricamente. Este é o chamado argumento rabínico de Paulo.

A perícope é finalizada em 4:31, com a declaração de que somos filhos da livre e não da escrava. Esta conclusão finaliza o argumento das duas alianças, na forma de um divisor de águas entre esta seção e a próxima, na qual vai argumentar sobre a liberdade da lei, imposta com responsabilidade, visto que a herança da liberdade, a salvação, não depende de obra, mas apenas de fé. Portanto, a alegoria é concluída apontando os herdeiros da lei mosaica como filhos da escravidão (CHAMPLIN, 2002, v. 4, 496).

2.2. O TEXTO DA PERÍCOPE

Ao buscarmos a análise gramatical e a integridade do texto da unidade literário em questão, encontramos seis variantes (cf. Gl 4:6, 7, 14, 25, 26, 28). Todas essas variantes não acarretam em mudanças significativas do texto (ALAND, 1989, p. 656-659).

Em Gl 4:6, registra-se a primeira variante textual. Existem duas possibilidades de leitura do texto, com base nos pronomes pessoais "nosso" e "vosso". Segundo Metzger (1971, p. 594), a primeira opção é amparada em antigos manuscritos, tais como $\mathbf{p}^{46}$ **א** A B C. Portanto, o mesmo possui uma superioridade textual em relação à segunda opção.[1]

[1] {B} hmwn $\mathbf{p}^{46}$ **א** A B C D* G P 104 1241 1739 1881 1962 1984 1985 $L^{597,598}$ $it^{ar, d, e, f, g, m, r1, x, z}$ vg^{ww} syr^{pal} $cop^{sa,bomss}$ arm Marcion Tertullian Origen^{lat} Ambrosiaster Hilary Athanasiun Basil Jerome Augustine Cyril Euthalius Os-Athanasius^{gr,lat} // ‘umwn D^{c} K Ψ 33 81 88 181 326 330 436 451 614 629 630 1877 2127 2492 2495 Byz Lect it^{dem} vg^{cl} $syr^{p,h}$ cop^{bomss} goth eth Victorinus-Rome Ephraem Didymus Chrysostom Augustine Cyril Theodoret John-Damascus

Já em Gl 4:7, aparecem oito possíveis leituras do texto, entretanto, adotaremos a leitura de men sugklhronomos de Cristou , devido a influência de Rm 8:17, em tal variante (id., p. 595-596)[2]

Na terceira variante, registrada em 4:14, faremos o uso da expressão ton peirasmon umwn , fortemente suportada pelos manuscritos ℵ A B C^{2vid} 33 (id., p. 596).[3]

Em Gl 4:25 registra-se um bom número de variantes em seu início. A leitura adotada neste estudo é a δὲ ‘Αγὰρ Σινα (“ora, Agar é Sinai”), devido a sua presença nos códices Alexandrino, Vaticano, entre outros que a validam. Aparece também a conjunção γὰρ (“pois”) antes de ‘Αγὰρ Σινα (“Agar, Sinai”).Tal conjunção não será adotada nesta pesquisa devido a sua ausência em manuscritos significantes. Em contrapartida, no papiro Chester Beatty II (P46), consta a ausência da palavra Agar, no entanto, porque esta apareceria já no final do verso 24, no entanto a repetição do nome próprio acontece propositalmente e não pode ser omitida. Da mesma forma outros manuscritos como o Sinaítico, Efraimita, entre outros, omitem o nome Agar, e registram apenas γὰρ Σινα[4] (“pois, Sinai”). Portanto, não omitiremos em nossa leitura.

---

[2] {B} dia Qeou **p**^{46} ℵ* A B C^{*vid} 33 $it^{dem, f, g, r3, x, z}$ vg cop^{bo} Clement AmbrosiasterVictorinus-Rome Basil Ambrose Didymus$^{2/3}$ Augustine Cyril Primasius // Qeou 1962 arm eth^{ro} // dia Qeon G^{gr} 1881// dia Cristou 81 630 syr^{pal} cop^{sa} Jerome// dia ‘Insou Cristou1739 l^{55} (cop^{boms})// Qeou dia Cristou ℵ^{c} C D K P 88 104 181 330 436 451 614* 629 1241 1877 2492 Byz Lect $it^{ar,d,e}$ goth Didymus$^{1/3}$ Chrysostom Theodore^{lat} Euthalius Theodoret John-Damascus// Qeou dia ‘Insou Cristou 326 614^{c} 629 2127 2495 $syr^{p,h}$ eth^{pp} Theodoret // dia Qeou en Cristou ‘Insou cop^{boms} // men sugklhronomos de Cristou (see Ro 8:14) ψ 1984 1985 Theodoret THeophylact

[3] {B} ton peirasmon umwn ℵ A B C^{2vid} D* G 33 $it^{d,dem, e, f, g, r3, z}$ vg cop^{bo} Ambrosiaster Victorinus-Rome Jerome Augustine// ton peirasmon umwn ton 1739 1881 (Origen) // ton peirasmon mou **p**^{46} $it^{ar,x}$ // ton peirasmon mou ton C^{*vid} $D^{(b), c}$ K P ψ 181 330 451 614 629 630 1877 1962 2127 2492 2495 Byz Lect syr^{h} $cop^{sa,boms}$ Chrysostom Cyril Theodoret John-Damascus// ton peirasmon ton ℵ^{c} 81 88 104 326 436 1241 1984 1985 syr^{p} goth arm eth Basil EuthaliusTheophylact

[4] {D} δὲ ‘Αγὰρ Σινα A B D^{gr} 88 330 436 451 1962 2127 2492 Lect $syr^{hmg, pal}$ cop^{bo} // γὰρ ‘Αγὰρ Σινα K P ψ 062 ^{vid} 33 81 104 181 326 614 629 630 1877 1881 1984^{c} 1985 2495 Byz $l^{1364, 1365}$ $syr^{p,h}$ cop^{bomss} arm Chrysostom Theodore^{lat} Cyril Theodoret Ps-Oecumenius Theophylact // δὲ Σινα p^{46} $it^{t,x,z}$ cop^{sa} Ambrosiaster // γὰρ ‘Αγὰρ $it^{d,e}$ (Ambrosiaster^{comm}) // γὰρ Σινα ℵ C G 1241

Em Gl 4:26, alguns manuscritos inserem a palavra πάντων (“todos”), antes do pronome ήμων (“de nós”), que modifica levemente o significado. Jerusalém ganha o status de “mãe de nós todos”, ao invés de ser apenas “nossa mãe”. A posição deste estudo é a ausência da palavra πάντων, segundo a documentação do papiro P46, códice Vaticano, Claromontano, Sinaítico [5].

Em Gálatas 4:28, a variante ocorre em alguns manuscritos ao iniciar a frase com a primeira pessoa do plural “nós, porém, irmãos” [6], ao invés de utilizar a segunda, vós, porém, irmãos. Esta mudança de pessoa é ocasionada por harmonizar com o termo do v. 26 “nossa mãe”, e com o termo do v.31 “somos filhos...”, ambos utilizando a primeira pessoa do plural. Faremos uso do pronome “vós”, já que este possui documentação nos manuscritos de maior peso, tais como p^{46}, códice Vaticano, Claromontano, entre outros .

Nenhuma das seis variantes é relevante, ou altera o significado, portanto, não será realizada nenhuma alteração no mesmo.

2.3. TRADUÇÃO (Almeida [trad.], 2 Ed., 1993, p.156-157 NT)

1. Digo, pois, que, durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo. **2.** Mas está sob tutores e curadores até ao tempo predeterminado pelo pai. **3.** Assim, também nós, quando éramos menores,

---

1793 1984* $it^{ar,f,g,r3}$ vg eth $Origen^{lat}$ $Ambrosiaster^{txt}$ Victorinus-Rome Epiphanius Jerome Augustine Cyril John-Damascus // Σινα goth Augustine

[5] {B} ήμων p^{46} ℵ B C* D G Ψ 33 88 1241 1739 1881 2495 $it^{d,dem,e,f,g,r3,x,z}$ vg $syr^{p,hmg}$ $cop^{sa,bo}$ goth eth Marcion Irenaeus Tertullian Origen Pamphilus Eusebius Ambrosiaster Hilary Ephraem Gregory-Elvira Chrysostom Jerome Augustine Marcus Isidore Cyril John-Damascus // πάντων ήμων $ℵ^{c}$ A C^{2} K P 81 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1877 1962 1984 1985 2127 2492 Byz Lect $it^{ar,t}$ $syr^{h,pal}$ arm $Irenaus^{lat}$ $Origen^{lat}$ Eusebius Victorinus-Rome Hilary Cyril-Jerusalem Ambrose Macarius Pelagius Jerome $Theodore^{lat}$ Augustine Euthalius Theodoret Cosmos Cassiodorus John-Damascus

[6] {B} ὑμεις...΄εστέ. **p**^{46} B D* G 33 1739 1881 2127 $it^{d,e,g,t}$ syr^{pal} cop^{sa} eth^{ro} $Irenaeus^{gr,lat}$ $Origen^{acc.\ To\ Jerome}$ Ambrosiaster Victorinus-Rome Tyconius Ambrose // ΄ημεις...`σμεν. ℵ A C D^{c} K P Ψ 062 81 88 104 181 326 330 436 451 614 629 630 1241 1877 1962 1984 1985 2492 2495 Byz Lect $it^{ar,dem,f,r3,x,z}$ vg $syr^{p,h}$ cop^{bo} goth arm eth^{pp} Chrysostom Jerome Augustine Cyril Euthalius Theodoret John-Damascus

estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; **4.** vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, **5.** para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. **6.** E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai! **7.** De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus. **8.** Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são; **9.** mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos? **10.** Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. **11.** Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco.

12. Sede qual eu sou; pois também eu sou como vós. Irmãos, assim vos suplico. Em nada me ofendestes. **13.** E vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez por causa de uma enfermidade física. **14.** E, posto que a minha enfermidade na carne vos foi uma tentação, contudo, não me revelastes desprezo nem desgosto; antes, me recebestes como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus. **15.** Que é feito, pois, da vossa exultação? Pois vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar.

16 Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade? **17.** Os que vos obsequiam não o fazem sinceramente, mas querem afastar-vos de mim, para que o vosso zelo seja em favor deles. **18.** É bom ser sempre zeloso pelo bem e não apenas quando estou presente convosco, **19.** meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós; **20.** pudera eu estar presente, agora, convosco e falar-vos em outro tom de voz; porque me vejo perplexo a vosso respeito.

21. Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso não ouvis a lei? **22.** Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. **23.** Mas o da escrava nasceu segundo a carne, o da livre, mediante a promessa.

24. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para a servidão; esta é Agar. **25.** Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. **26.** Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe; **27.** porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás a luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido. **28.** Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. **29.** Como, porém, outrora, o que nascera segunda a carne perseguia o que nasceu segundo o Espírito, assim também agora. **30.** Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre. **31.** E, assim, irmãos, somos filhos, não da escrava, mas da livre.

2.4. CONCLUSÃO PARCIAL

Neste capítulo verificamos que o tema unificador da perícope é a maturidade cristã do evangelho, que se enquadra em Gl 4:1-31. Dentro desta seção encontram-se seis variantes textuais que não interferem no entendimento do texto. Apenas uma variante ocorre no texto em estudo. A perícope deste capítulo nos mostra que o foco da argumentação de Paulo era a escravidão imposta pela lei, e a liberdade decorrente da promessa.

CAPÍTULO III

CONTEXTO HISTÓRICO

3.1. CONTEXTO GERAL

3.1.1. O autor

A autoria paulina é pouco questionada entre os autores. Paulo é mencionado por nome duas vezes na carta (Gl 1:1; 5:2), além das evidências de estilo, vocabulário, reiteração de temas e outras características típicas do apóstolo. Evidências externas endossam a autoria devido às inúmeras citações nos escritos de Policarpo, Irineu, Valentino, entre outros (BOICE, 1976, v.10, p. 420). A única corrente de estudiosos contrária à autoria paulina foi a de Ferdinand Christian Baur e seus seguidores na escola de Tübingen, no século XIX, os quais alegavam que a epístola aos Gálatas foi o resultado da controvérsia envolvendo a ala judaica, tendo Pedro como líder, contra a ala gentílica, liderada por Paulo, no seio da igreja cristã primitiva (VIELHAUER, 2005, p. 133). Esta posição é pouco aceita entre os escritores sérios (CHAMPLIN, 2002, v.4, p. 430). Neste trabalho adotaremos a posição de que Paulo é o autor de Gálatas.

3.1.2. Data e local

A procedência física e temporal da Epístola aos Gálatas é incerta. Entretanto, existem duas hipóteses em relação ao destino da carta, baseados nos acontecimentos históricos do livro de Atos: a hipótese da Galácia do norte e a do sul (ver estudo mais completo em GUTHRIE, 1984, p. 27-37). O destino da carta orienta a datação e o local da produção da mesma.

A hipótese da Galácia do norte é datada após a jornada descrita em Atos 18:23, em seu retorno à Antioquia. Isto implica que Paulo visitou a Galácia duas vezes antes de escrever a carta, algo sugerido pelo termo grego το προτερον em Gl 4:13, neste caso, o local mais provável para a autoria da carta é Éfeso, após ter visitado a Galácia. A data aproximada seria o ano 52 d.C. Gálatas, portanto, seria a terceira carta paulina (STAMM, 1953, v.10, p. 438).

Ainda verificando a hipótese da Gálacia do norte, uma vertente considera que a epístola foi endereçada às igrejas de Ancara, Pessino e Távium, ao norte da província, ao redor dos anos 57 e 58 d.C. escrita provavelmente da cidade de Corinto (NICHOL [ed.], 1978-1990, v.6, p. 932). Porém outros ainda supõe a origem da epístola antes da visita de Paulo à Éfeso, o que nos levaria para alguma data após o ano 51 d.C.

Em contrapartida, a hipótese da Galácia do Sul defende uma datação mais antiga, a qual supostamente deveria anteceder 49 d.C., após o retorno da primeira jornada (cf. At 14:26). Nomes como Sir William Ramsay, o pesquisador que confirmou a historicidade de Atos, e W. C. Kümmel defendem esta hipótese (LONGENECKER, 1990, p. 66). O local mais aceito para sua composição é a Antioquia, na Síria (CHAMPLIN, 2002, v.4, 431). Muitos argumentam uma data anterior a 49 a.C., devido ao fato de não serem citadas nenhuma das decisões do concílio de Jerusalém ocorrido no mesmo ano.

Em nosso estudo, endossaremos a hipótese da Gálacia do norte, mais especificamente a que sugere a data 57-58 d.C. e sendo escrita em Corinto.

3.1.3. Contexto histórico, político social e religioso

A epístola pode evocar duas localizações distintas para a Galácia. A primeira seria no centro-oeste da Ásia menor, adotada por este estudo. A outra possibilidade, ao sul, na província romana de Gálatas (STAMM, 1953, p. 435). Nota-se que neste

período, toda a Ásia menor estava sob jurisdição romana, mesmo embora algumas regiões sofressem mais opressão do que outras.

A região da Galácia era muito disputada por movimentos migratórios, o que gerava inúmeros conflitos. A influência migratória foi tamanha que os antigos escritores gregos atribuíam o mesmo significado da nacionalidade dos galacianos aos celtas. Em 121 a.C. o império romano libertou a região das mãos dos selêucidas agregando a região ao seu território. A região foi embebedada por sangrentas batalhas, fome e miséria (para um estudo mais profundo ver LONGENECKER, 1990, p. 62).

Na religião e filosofia, os homens estavam confusos devido ao choque ideológico dos imigrantes do ocidente com os do oriente. Na religião, os estudiosos constataram bizarros procedimentos em cultos pagãos, como a prática corrente de castração em oferecimento aos deuses. Por conseguinte, entendemos o porquê da circuncisão não ser uma idéia tão aterrorizante (STAMM, 1953, p. 435).

3.2. CONTEXTO ESPECÍFICO

O momento que a igreja cristã passava era singular, já que devido a crescente expansão do evangelho entre os gentios, os rígidos preceitos judaicos desencadearam um surto legalista dentro da mesma. Somado a isso, o preconceito imperava, ao se tratar da moralidade dos novos conversos gentios. Esta divisão é descrita da seguinte forma:

> Tanto em questões religiosas quanto em questões políticas, portanto, a missão gentia estava sujeita a dar problemas à igreja em Jerusalém e a seus líderes. Alguns membros da igreja propuseram uma solução simples: os gentios que se convertiam ao cristianismo, deviam cumprir as mesmas exigências feitas aos gentios convertidos ao judaísmo – ser circuncidado (no caso de serem homens) e prometer cumprir a lei de Moisés (BRUCE, 2003, p. 170).

Entretanto, se essa proposta fosse adotada criaria atritos com o grande número de gentios que já tinham sido admitidos à comunhão cristã, sem essa exigência. Para alguns judeus cristãos, o evangelho da salvação unicamente pela fé em Jesus era incompleto e superficial. Para eles, além da fé, seria necessário a circuncisão, quesito indispensável para alcançar justiça perante Deus. Paulo emerge a sua pregação neste contexto híbrido de fé e obras. Para os judeus cristãos, a fé em Jesus não corresponde à totalidade do evangelho. A outra parte corresponde a obediência à lei de Moisés e à circuncisão, desta forma o novo crente se tornava parte do concerto. Portanto, o conceito-chave de salvação misturava a graça à lei, o qual fora combatido firmemente por Paulo, chamando isso de escravidão.

A tensão existente entre os gentios conversos e alguns judeus cristãos era resultado de uma compreensão errônea do papel da lei na vida do crente. Este contexto favoreceu os extremismos: de um lado o legalismo judaico, do outro os costumes gentílicos no seio do cristianismo. Quando Paulo combate a circuncisão, na verdade é a compreensão legalista acerca da mesma que está sendo combatida, de outra forma Timóteo não seria circuncidado, como mencionado em At. 16:3. Paulo fala contra o uso da lei como método de salvação.

Foi neste contexto que o apóstolo escreveu a epístola direcionando sua argumentação contra a divisão causada pelo legalismo em detrimento aos novos conversos gentios. Esta questão tinha levado os líderes da igreja a organizarem o primeiro concílio universal da igreja cristã em Jerusalém, no ano 49 d.C., descrito em Atos 15 (CHAMPLIM, 2002, v.4, p. 429).

Esta problemática iniciou-se em Atos 10 e 11 decorrente do relato de Pedro sobre o recebimento dos gentios no corpo de Cristo. A discussão baseava-se na pergunta: pode um gentio ser salvo sem adotar as práticas judaicas? A resposta do concílio, nas palavras de Tiago, não obrigava a prática da circuncisão, eles apenas

deveriam abster-se da idolatria, impureza sexual e carnes de animais sufocadas (cf. At. 15: 20, 28).

3.3. CONCLUSÃO PARCIAL

Verificamos que o autor de Gálatas é Paulo, e escreveu-o possivelmente de Corinto, entre os anos 57/58 d.C. após o concílio de Jerusalém. Neste período, a Galácia estava sob jurisdição romana, aonde o paganismo era fortemente difundido. Com o crescimento exponencial do cristianismo surgiu um ferrenho combate entre judeus cristãos e gentios conversos no quesito do legalismo no seio da igreja. Este atrito resultou na carta aos Gálatas, a qual aborda a justificação pela fé, e a ineficácia da observância da lei como método de salvação. A alegoria de Agar e Sara endossa a nulidade do poder salvífico da lei e não da sua observância.

CAPÍTULO IV

CONTEXTO LITERÁRIO

4.1. GÊNERO LITERÁRIO

O livro de Gálatas é considerado uma carta. Paulo se dirige às igrejas que se encontram na Galácia (1:2), utilizando inúmeras vezes à segunda pessoa do plural como vocativo (LONGENECKER, 1990, p. 104). Para ser mais específico, utilizaremos a nomenclatura *"carta apologética"* proposta por Betz (1979, p.15), devido à seqüência de argumentos registrados em Gálatas.

4.2. FORMA LITERÁRIA

Dentro da perícope encontram-se algumas formas literárias. Os diferentes autores pesquisados apresentam-nas com raras modificações de nomenclatura e interpretações.

A figura de linguagem principal é o *argumento alegórico* (COLE, 1989, p. 176), o qual pode ser melhor compreendido com a utilização da brilhante analogia de Lutero:

> Quando se trata de assuntos relacionados com a divindade, alegorias não persuadem, mas embelezam. A alegoria serve mais para enfeitar a casa do que para construí-la. (LUTER, 1979, p. 280).

A forma de argumentação alegórica era uma prática comum entre os rabinos, no entanto, foi utilizada uma única vez por Paulo (STERN, 1999, p. 559). Entende-se por alegoria, uma narrativa ou expressão que pode ou não ser verídica, contendo aspectos que remetem para realidades espirituais; ademais, contém várias comparações entre uma realidade e outra (ZUCK, 1994, p.254). Assemelha-se a uma metáfora ampliada, entrelaçando a história ao seu significado. Uma

interpretação apenas pode ser alegórica quando ultrapassa o significado literal e enfatiza verdades profundas ou significados simbólicos (BAILEY e VAN DER BROEK, 1992, p. 46).

Na utilização da alegoria, Paulo alude a história de Sara e Agar (cf. Gn 16:15; 21:2; Gl 4:21-23), e em seguida afirma que a interpretação será uma alegoria, a qual ultrapassa o conhecimento literal, e denota novos significados aos elementos citados: Agar e seus filhos são representantes do Mt. Sinai e a escravidão representa a lei; Sara e seu filho Isaque representam a nova Jerusalém e a liberdade da lei (cf. Gl 4:24-31). Devido à variedade de significados do AT (para um estudo mais completo de alegoria ver MURDOCH, 1974, p. 218).

Outra forma literária registrada duas vezes é o *quiasmo* (cf. 4:4,5 e 4:25, 26), o qual entende-se um paralelismo reverso de dois ou mais termos, frases ou idéias (Ibid., 1992, p. 49). O primeiro registrado nos vss. 4,5 apresentam as idéias: Jesus Cristo, o filho de Deus (A); Cristo nasceu sob a lei (B); Resgatou a humanidade que estava sob a lei (B1); A humanidade é adotada como filhos de Deus (A1). O segundo registrado nos vss. 25,26, registram as idéias: Agar (A); Mt. Sinai (B); escravidão (C); a presente cidade de Jerusalém (D); A Jerusalém que está à cima (D1); liberdade (C1); Mt. Sião (B1); Nossa mãe (A1). Este paralelismo faz o contraste entre a justificação pela fé e pelas obras (LONGENEKER, 1990, p. 209).

A terceira forma literária é a *poesia*. Ocorre no v. 27, o qual é uma citação direta a Is. 54:1, portanto, originalmente escrita em hebraico e não grego. Esta forma destaca-se pela ampla utilização de linguagem figurada e ritmo de idéias (BAILEY e VAN DER BROEK, 1992, p. 77). Este fragmento de poesia hebraica, portanto, faz com que o leitor sinta o impacto rítmico caracterizado pelo paralelismo de idéias.

4.3. ESTRUTURA LITERÁRIA

4.3.1. Estrutura do livro (NICHOL [ed.], 1956, p.935)

I. Saudação e Introdução (1:1-10)
   A. Autoridade apostólica do escritor (1:1-5)
   B. A ocasião e propósito da carta (1:6-10)
II. A defesa da autoridade apostólica de Paulo (1:11-2:14)
   A. A genuinidade da conversão ao cristianismo (1:11-24)
      1. A origem divina da interpretação do evangelho (1:11-12)
      2. O zelo formal da fé judaica de Paulo (1:13-14)
      3. Sua conversão e missão aos pagãos (1:15-16)
      4. Seu retiro preparatório na Arábia (1:17)
      5. Primeiro contato com os apóstolos em Jerusalém (1:18-20)
      6. Sua aceitação pelas igrejas da Judéia (1:21-24)
   B. Aprovação apostólica de sua interpretação do evangelho (2:1-14)
      1. Paulo explica seu evangelho para os discípulos (2:1-2)
      2. Tito vindica o evangelho de Paulo como um apóstolo aos gentios (2:3-5)
      3. Aprovação apostólica de Paulo como um apóstolo aos gentios (2:6-10)
      4. Igualdade apostólica de Paulo comparado aos doze discípulos (2:11-14)
III. Fé versus Legalismo como significado de salvação (2:15-3:29)
   A. Mesmo os judeus conversos ao cristianismo acreditam na salvação pela fé, e não pela lei (2:15-21)
      1. Judeus conversos ao Cristianismo constataram a ineficácia do legalismo (2:15-16)
      2. A incompatibilidade do Cristianismo e Judaísmo (2:17-21)
   B. A salvação dos gentios estabelecida pela aliança abraâmica (3:1-14)
      1. Os gálatas haviam se tornaram cristãos através da fé (3:1-5)
      2. Fé é uma característica distintiva da aliança Abraâmica (3:6-7)
      3. Provisão de salvação aos gentios através da fé (3:8-14)
   C. O status da lei em relação à aliança Abraâmica (3:15-29)
      1. A lei não anula as provisões Messiânicas da Aliança (3:15-18)
      2. A subordinada e provisória função da lei (3:19-25)
      3. Em Cristo todo homem é herdeiro das promessas da aliança, através da fé (3:26-29)
IV. A liberdade Cristã oriunda dos ensinamentos da Lei (4:1-31)
   A. Da imaturidade da lei para a maturidade do evangelho (4:1-7)
      1. Um estado subordinado do herdeiro durante a minoridade (4:1-3)
      2. Concessão de todos os privilégios e herança através de Cristo (4:4-7)
   B. A imprudente direção da igreja da Galácia (4:8-31)
      1. A insensatez dos judaizantes (4:8-12)

2. A sinceridade e interesse de Paulo pelas igrejas da Galácia (4:13-20)
3. A alegoria dos dois filhos (4:21-31)

V. Exortações morais e espirituais (5:1-6:10)
A. A escravidão do legalismo é incompatível com a liberdade em Cristo (5:1-12)
B. A liberdade Cristã não é desculpa para a libertinagem (5:13-26)
1. O cumprimento da lei é o amor (5:13-18)
2. As obras da carne e do espírito (5:19-26)
C. O amor fraternal cumpre a lei de Cristo (6:1-10)

VI. Conclusão (6:11-18)

4.3.2. Estrutura da perícope (4:1-31)

A liberdade Cristã oriunda dos ensinamentos da Lei (4:1-31)

I. Da imaturidade da lei para a maturidade do evangelho (4:1-7)
A. Um estado subordinado do herdeiro durante a minoridade (4:1-3)
1. A Imaturidade do herdeiro equivale à escravidão (v.1)
2. A Importância dos tutores do herdeiro (v.2)
3. A imaturidade nos escraviza aos rudimentos desse mundo (v. 3)
B. Concessão de todos os privilégios e herança através de Cristo (vss. 4:4-7)
1. O filho de Deus veio na plenitude dos tempos (vss. 4, 5)
(a) Jesus Cristo, o filho de Deus (v. 4a)
(b) Cristo nasceu sob a lei (v. 4b)
(b1) Resgatou a humanidade que estava sob a lei (v. 5a)
(a1) A humanidade é adotada como filhos de Deus (v. 5b)
2. O filho de Deus veio resgatar-nos da escravidão da lei (vss. 6-7)
(a) Para recebermos o Espírito Santo (v.6)
(b) Para recebermos a herança (v.7)

II. A imprudente direção da igreja da Galácia (4:8-31)
A. A insensatez dos judaizantes (4:8-12)
1. Período de ignorância a respeito de Deus (v. 8)
(a) Adoração dos falsos deuses (v.8)
2. Período posterior do conhecimento a respeito de Deus (v.9)
(a) Deus nos conheceu primeiro (v.9a)
(b) Volta a escravidão dos rudimentos desse mundo (v.9b-10)
(1) Ritualismo judaico (guardar dias, meses, tempos e anos) (v. 10)
(c) Exortação (v.11, 12)

B. A sinceridade e interesse de Paulo pelas igrejas da Galácia (4:13-20)
1. No passado, Paulo pregou mesmo doente na Galácia (vss. 13- 14)
(a) Os galacianos o receberam com alegria (vss. 13-14a)
(b) os galacianos foram receptivos à mensagem (v. 14b)
2. No presente, Paulo oferece nova mensagem (vss. 15-16)
(a) Os galacianos não recebem com alegria (v. 15)
(b) Os galacianos tem dificuldade em ouvir a verdade (v. 16)
3. O zelo de Paulo pelo evangelho (vss. 17-20)
(a) Paulo deseja estar próximo de seus filhos espirituais (vss. 17-18)
(b) Paulo deseja vê-los amadurecidos espiritualmente (v. 19)
(c) Paulo está preocupado com a situação dos galacianos (v. 20)
C. A alegoria dos dois filhos (4:21-31)
1. Vocativo (v. 21)
2. Os antecedentes históricos (vss. 22-23)
(a) Abraão tem dois filhos (v. 22)
(b) Ismael – filho da escrava segundo a carne (v. 23)
(c) Isaque – filho da livre segundo a promessa (v. 23)
3. O argumento alegórico (vss. 24-27)
(a) Explicação dos dois concertos (vss. 24-26)
(1) O antigo concerto de Agar (v. 24)
(2) Monte Sinai na Arábia (v. 24)
(3) Corresponde à escravidão (v. 24)
(4) Presente Jerusalém (v.25)
(4a) Jerusalém que está à cima (v.25)
(3a) liberdade (v. 26)
(2a) Corresponde ao Monte Sião (v. 26)
(1a) Sara – Nossa mãe (v. 26)
(b) Alegoria ao cativeiro - cântico (v.27)
4. Aplicação pessoal (vss. 28-31)
(a) Nós somos filhos da promessa (v. 28)
(b) Os filhos da promessa serão perseguidos (v. 29)
(c) Os filhos da promessa receberão a herança (vss. 30-31)

4.4. FIGURAS DE LINGUAGEM

Existem inúmeras figuras de linguagem registradas na perícope que servem para enriquecer a carta. Em Gl 4:4 aparece a *antiptósis*, que é utilizada quando

um substantivo regente toma o significado de adjetivo, no caso, a expressão "plenitude do tempo" toma o significado de "tempo cumprido".

Já nos vss. 6-8 aparecem um *heterosis de número*, o que corresponde a troca da utilização do número, de singular pelo plural, ou vice-versa. No texto, primeiro aparece a menção de "filhos", e em seguida no v.8, apenas "filho".

No v. 9, registra-se outra forma literária, a *repetição,* não apenas como um mero eco do que foi dito, mas com o objetivo de valorizar a idéia do autor. A expressão "rudimentos fracos e pobres", remete a repetição da idéia da palavra stoiceia (cf. vss. 3 e 10). O significado desses rudimentos se encontra no mesmo contexto, "servir a outros deuses", prática comum entre os gentios, em contra-parida, significa também "guardar dias, meses,...", ou seja o cerimonialismo judaico dentro da igreja. Paulo compara no mesmo nível tanto os rudimentos do judaísmo, quanto os do paganismo.

Ademais, no v.9 aparece uma *epanortosis,* que é uma correção que o interlocutor faz imediatamente ao que foi dito, "mas agora que conhecíeis Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus".

Nos vss. 15 e 16 aparece uma *sincóresis*, ou seja, uma consentimento, ou concessão, depois de argumentar, ele faz a pergunta, "será que depois de tudo isso virei seu inimigo?", enfatizando o lado emocional do argumento.

No vs. 21 encontra-se uma *anacenosis*, podendo ser vista na pergunta, "acaso, não ouvis a lei?" Esta figura acontece quando o interlocutor pede a opinião de seus adversários (BULLINGER, 1990, p. 796).

Logo em seguida é registrado a *alegoria* (vs. 24) como figura retórica. Entende-se por isso uma realidade que pretende significar outra. Além disso, pode ser uma *metáfora estilizada e continuada* (BARTINA, 1963, p. 299). Por *metáfora*, compreenda-se a semelhança entre dois objetos ou fatos caracterizando-se um com o que é próprio do outro (LUND e NELSON, 1968, p. 71). As *metáforas* presentes

são: “Agar é o Mt.Sinai”; “A estéril não dá a luz”, representando parto (vs. 27); nós somos filhos da livre, representando a herança própria para aqueles que se justificarem pela fé.

No vs. 23, encontra-se uma *sinédoque da parte pelo todo*, onde o nascimento da carne tem o sentido de filiação ou hereditariedade física. Já nos vss. 22 e 23 é registrada uma *antítese*, no visível contraste entre Sara e Agar, uma escrava e outra livre, e as descendências correspondentes (LONGENEKER, 1990, p. 208).

Finalmente, no v. 25 encontra-se uma *elipse relativa*, quando se falta uma palavra subentendida no próprio contexto. Esta evidência é embasada ao se analisar o artigo grego (το), que precede o nome Agar. O artigo não é feminino, mas neutro, o que combina perfeitamente com o substantivo monte (oroj-ouj), também neutro. Sem esta *elipse*, leríamos provavelmente assim: “porque o nome de Agar é o monte Sinai” (BULLINGER, 1990, p. 69). Porém, não adotaremos esta leitura pelo fato da *elipse* estar presente no texto em questão.

4.5. CONCLUSÃO PARCIAL

Verificamos neste capítulo que o gênero literário é o de *carta apologética*, direcionada a várias comunidades. O conteúdo deste capítulo é importante devido à caracterização da linguagem alegórica, típico argumento rabínico. Neste caso, a escrava Agar, corresponde ao Sinai, símbolo da lei, que por sua vez é a escravidão. Vale ressaltar, que os dois *Quiasmos* registrados na perícope aludem o paradoxo entre a escravidão da lei e a liberdade da promessa.

Apesar dessas conclusões, ainda não encontramos uma solução sólida para o nosso problema, o que nos remete a uma análise léxico-sintática e temática do texto em voga. Este é o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO V

ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA, TEMÁTICA E TEOLÓGICA

Neste capítulo vamos estudar o texto de Gálatas 4:25, focalizando primeiramente o termo douleuw no seu sentido etimológico, e depois ver o significado dentro do contexto da frase e do verso. Procuraremos depois entender à luz do contexto da perícope e do livro de Gálatas. Finalmente, procuraremos textos paralelos onde ocorrem o termo douleuw, dentro do mesmo contexto de Gálatas, no NT e no AT, procurando também qualquer verso que venha iluminar a resolução do problema, à luz das idéias e ensinamentos gerais das escrituras.

5.1. O SENTIDO ETIMOLÓGICO

douleuei –Terceira pessoa do singular, do presente do indicativo ativo do verbo douleuw, significando tornar escravo, escravizar, sujeitar. Literalmente, ganha significado de se tornar escravo de alguém (cf. Gn 15:13; 2 Pd 2:10) . Figurativamente, significa estar em condição servil a alguém, ou alguma coisa (cf. Gl 4:3; I Co 9:19). (ARNDT, 1952, p. 205)

5.2. O CONTEXTO DA PALAVRA NA FRASE

Ao analisarmos o contexto da frase, podemos ver que a sentença se divide em duas partes. 1) Paulo, usando o método rabínico alegórico de sua época, afirma: “Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde a Jerusalém atual”; 2) “que está em escravidão com seus filhos ”. Percebe-se uma íntima relação entre as duas partes, sendo a segunda uma explicação da primeira. Isso se deve ao fato do uso da conjunção gar unir as duas partes.

A palavra-chave é douleuei, este verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ativo, só ocorre uma vez em todo o NT nesta declinação, no entanto, este é um termo comum no NT, e é utilizado em três contextos interessantes, que serão expostos a seguir, no paralelo de palavras.

5.3. O CONTEXTO DA PALAVRA NA PERÍCOPE

A palavra douleuw com o sentido soteriológico aparece nove vezes dentro da perícope (cf. Gl 4:1, 3, 7, 8, 9, 22, 23, 24, 25).

A primeira aparição é registrada no v. 1 quando Paulo utiliza a figura de um menino de uma família rica, com o status legal de herdeiro, entretanto, ele é um menor de idade, e portanto, deve estar sob a tutela de guardiões e administradores. Embora seja dono de tudo, está sob as leis, como se fosse um escravo. Enquanto nos evangelhos, o significado de "menor" (nhpioj) é na conotação de discipulado (cf. Mt 21:16; Lc 20:21), para Paulo ser nhpioj significa imaturidade espiritual (cf. 1 Co 3:1; 13:11; Ef 4:14). Ou seja, Paulo queria dizer que a imaturidade espiritual do povo de Deus os colocavam sob custódia, supervisão, o que em última análise era escravidão.

Esta figura do menor está ligada no v. 3, à expressão "estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos desse mundo". Existe um debate referente ao significado exato da expressão stoiceia, pode significar fila, alfabeto, mas o significado mais adaptado faz menção aos elementos básicos que compõe o universo (tou kosmou). A ligação existente entre os versos 2 e 3 atribuem esta ligação servil anterior a vinda de Jesus Cristo, o qual nos libertou desses rudimentos, nos tornando filhos de Deus, e não mais escravos (v. 7).

A chave para a compreensão está na comparação entre os ritos judaicos e o serviço aos deuses estranhos (vss. 8 e 9). Ambos os casos são apontados como escravidão aos stoiceia (cf. Gl 4:3), entretanto dessa vez de forma intensificada por

dois adjetivos depreciativos, “rudimentos fracos e pobres”, demonstrando a total inutilidade destes.

Para os gentios, a adoração a seus deuses, dependia do homem apaziguar os seus deuses, ou seja a salvação meritória através das obras, enquanto da mesma forma, os judeus estavam tentando apaziguar a ira de YHWH, através de suas cerimônias “fracas e pobres”. Paulo salienta, que o próprio Deus (Jesus Cristo), apaziguo-se a si mesmo, o que fez-nos “filhos, e sendo filhos, também herdeiros por Deus”. Clarificado neste pensamento homilético:

> “A diferença básica entre o Cristianismo e o paganismo é: enquanto no paganismo, o homem deve se sacrifica por seu Deus, no Cristianismo é o próprio Deus que se sacrifica pelo homem.”

Em seguida, Paulo descreve os antecedentes históricos da alegoria nos vss. 22-23, evocando a divina promessa feita a Abraão e sua descendência (cf. Ex 15:4). O relato distingue as duas linhagens do patriarca. A expressão alla (v. 23) sugere antítese entre as expressões kata sarka (segundo a carne) e diV epaggeliaj (segundo a promessa). Enquanto a primeira sugere processo natural de procriação, a segunda aponta uma intervenção sobrenatural. Um documento legal do período patriarcal, o código de Hamurabi (lei 145), afirma que no caso de esterilidade da esposa, o senhor poderia manter relações com a escrava (PRITCHARD, 1950, p. 172). No caso, Ismael é o filho da escrava kata sarka, enquanto Isaque é filho da livre diV epaggeliaj. Embora possuíssem a mesma paternidade, eram filhos de mães diferentes, portanto, possuidores de condição diferente.

Em Gálatas 4:24-27, compõe o argumento alegórico, no qual está incluso o verso analisado no trabalho. Paulo evoca as informações históricas com a seguinte interpretação: as duas linhagens hereditárias simbolizam as duas alianças. O antigo concerto é prefigurado por Agar, a escrava juntamente com seus filhos. Agar é Sinai, o que significa a escravidão daqueles aprisionados as obras da Lei (v. 24,

25). Em contrapartida, o novo concerto corresponde à Sara, a Jerusalém que vem de cima, mãe espiritual de todos (v.26). Esta seção termina (v.27) com um cântico poético citando Isaías 54:1, o qual comunica júbilo pela fertilidade de Sara.

Em Gálatas 4:28-31, Paulo desenvolve as aplicações pessoais da argumentação alegórica. Os filhos da promessa seriam perseguidos pelos filhos da carne. Ou seja, os que guardam a lei como meio de salvação perseguem aqueles que observam a Lei de Deus sem objetivo soteriológico. Finalmente, a alegoria é encerrada com a garantia da herança aos cristãos que vivem sob a promessa. Por outro lado, a rejeição dos filhos da escrava, a saber aqueles "segundo a carne", simboliza o fracasso da antiga aliança e do sistema cerimonial.

5.4. O CONTEXTO DA PALAVRA NO LIVRO

Para compreendermos melhor o contexto da palavra no livro, é fundamental que tenhamos em mente o objetivo que Paulo tinha ao escrever esta epístola. Paulo escreveu aos novos conversos, discutindo o relacionamento entre a lei, e a circuncisão do velho concerto, em detrimento à promessa através da fé. A palavra douleuw com significado soteriológico está registrada em apenas dois textos fora da perícope, em 2:4 e 5:1. O termo aparece no contexto literal em 3:28, e servo de Jesus, em 1:10. Ambos os textos, não serão analisados, pois não se harmonizam com o objetivo desse trabalho.

Em 2:4 a palavra é aplicada à atitude dos falsos irmãos que espreitavam a liberdade e os reduziam a escravidão. Os vss. 3-5 compõe a parte central da argumentação de Paulo, pois o incidente com Tito é uma evidência concreta que os apóstolos entenderam e aprovaram a pregação de Paulo (NICHOL, 1980, 944). Existe um propósito de Paulo ter citado o caso de Tito. No passado, Timóteo, natural da galácia, possuidor de sangue judeu e gentio, mesmo sem precisar, foi instado à circuncidar-se (cf. At 16:1-3), com o objetivo de ganhar os judeus (cf. I

Co 9:21-23). Entretanto, nesta circunstância, se Paulo consentisse com a circuncisão de Tito, estaria aparentando que esses rituais cerimoniais exteriores eram fundamentais para a salvação. Por esta razão, Paulo chama estes de "falsos irmãos", em outro momento "falsos mestres". Ou seja, alguns judeus conversos cristãos, estavam tentar resgatar os "antigos rudimentos" do cerimonialismo da fé judaica.

Em Gl 5:1 o jugo da escravidão está em contrapartida à liberdade ganha por Cristo. O v. 2, novamente enfatiza toda a discussão anterior a respeito da circuncisão, "se vos deixar circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará".

5.5. PARALELO DAS PALAVRAS

A palavra douloj aparece 124 vezes no Novo Testamento , das quais 30 nos escritos de Paulo. Das 25 ocorrências de douleuw, 17 acham-se em Paulo (TUENTE, 2000, p. 676). O termo e seus cognatos aparecem muito freqüentemente em Paulo, no NT e na LXX.

Segundo a concepção paulina, o termo escravidão possui quatro sentidos básicos: O primeiro é o sentido literal, o qual aponta para o contexto da hierarquia social. A carta de Filemom é exemplo para isto (cf. Cl 3:22). O segundo sentido é a submissão a alguém. Paulo utiliza a expressão para referir-se ao casamento (cf. I Co 7:15) ou a Jesus Cristo (cf. Tg 1:1; Tt 1:1), neste sentido o titulo douloj se aproxima mais do significado *diakonos*, "servo". O terceiro sentido é a escravidão imposta pelo pecado (cf. Hb 2:15), e o quarto sentido é a escravidão proveniente da obediência da lei de Deus (cf. Gl 2:4; 4:3, 9, 24).

> O homem fora da esfera do domínio de Cristo é um *doulos tes hamartias*, um "escravo do pecado"(Rm 6:17; 7:6,25). Esta *douleia* pode consistir meramente em observância miseravelmente meticulosa da "letra", na esperança da salvação (Brown, 2000, p. 676).

CAPÍTULO VI

REFLEXÃO TEOLÓGICA E REAÇÃO CRÍTICA

Após analisar o texto e seus problemas, buscamos refletir sobre as implicações feitas ao longo da pesquisa para a teologia bíblica, à luz do conhecimento pesquisado até o presente momento. Nos posicionaremos a partir dos dados encontrados, entre as propostas de interpretação do texto apresentadas no primeiro capítulo.

6.1 REFLEXÃO TEOLÓGICA

Para a doutrina da salvação, esse texto mostra que a justificação é somente pela fé. Abraão creu e isto foi imputado por justiça. O patriarca foi justificado antes de ser circuncidado, portanto, a justificação precede as obras. Paulo descreve metaforicamente o Sinai e Jerusalém como escravidão, o que simboliza a servidão imposta pela letra da lei. A justificação é forense e não depende de mérito humano. A escravidão está relacionada à herança. Existem apenas duas linhagens, ou a de Sara para a promessa, ou de Agar para a escravidão. Quando o jovem rico indagou a Cristo, “o que farei para herdar a vida eterna?”, sua pergunta estava equivocada, pois herdeiro para ser herdeiro não precisa fazer nada, precisa apenas nascer. Este nascimento espiritual está relacionado com a fé, e não com as obras. No entanto, a verdadeira fé se materializa em atos. A fé sem obras é morta.

A fé no contexto bíblico possui três níveis inseparáveis: O primeiro é a *notitia*, que significa um caráter intelectual de conhecimento. O segundo é o *assensus*, o qual corresponde a convicção, certeza. O terceiro é a *fiducia*, que é o compromisso. A justificação pela fé não isenta o converso de observar a lei de

Deus. Este é o processo da santificação, que significa um amadurecimento cristão continuo (BLAZEN, 2000, p. 295).

Para a eclesiologia, a linha Abraâmica define o povo escolhido da promessa. O patriarca fora o progenitor da nação da promessa, e por isso, sua descendência carrega consigo o pacto abraâmico (Rm 4:16). Entretanto, a bênção foi estendida a todos os povos (Gl 3:9), a todos aqueles que crêem. Com estes, o pacto prorrogou a todas as nações e não apenas aos judeus. Portanto, todo aquele que crer na justiça que Cristo oferece é declarado justo, e torna-se parte do povo escolhido para ser a igreja de Deus, e conseqüentemente herdeiros da promessa.

Para a doutrina do homem, a escravidão atribuída a Agar e seus descendentes corresponde a justificação pelas obras, enquanto os descendentes de Sara são descendentes da promessa. A fé de Abraão foi de tal qualidade que lhe foi atribuído o título de "pai de todos os que crêem" (Rm 4:11). Ele é o modelo de justificação pela fé que se auto-revela através da obediência. Esta é a renovação do concerto.

> Do lado divino do concerto, no Sinai ocorreu uma renovação do concerto de graça feito com Abraão. Este concerto sina'tico tem sido também identificado como "primeiro concerto" (Hb 9:1). Mas Israel perverteu-o, transformando-o num concerto de obras. (Lessa, 1980, p. 138).

Para a teologia aplicada, o argumento alegórico Paulino é um forte argumento contra o legalismo. Como no passado, ainda existem exageros na compreensão quanto à observância da lei nos corredores e púlpitos de nossas igrejas. Em contra-partida a justificação pela fé, não isenta-nos das obras. Os líderes religiosos deveriam salientar mais nos aconselhamentos pastorais que a justificação pela fé é forense e imputada, e não retribuitiva. Paulo ilustra isso dizendo que Abraão creu e isto foi imputado como justiça. Todas as nações seriam benditas em sua descendência, porém para herdar a promessa, é necessário ser filho da mãe certa.

6.2 REAÇÃO CRÍTICA

Os autores que consideram a escravidão descrita em Gálatas, como sendo a Lei como norma de conduta e método de salvação, quebram princípios bíblicos descritos neste estudo: 1) desconsideram o contexto religioso dos Gálatas. A audiência descrita pelo apóstolo Paulo é deveras legalista, e isto deve ser levado em conta. Paulo estaria sendo incoerente com o resto dos ensinos bíblicos. O legalismo estava sendo implantado no seio de uma igreja formada por judeus e gentios. 2) Desconsideram a própria essência da justificação pela fé. Na Bíblia, Abraão foi justificado pela fé, e não foi isento das obras (Tg 2:17). Portanto a fé sem as obras seriam mortas. 3) Desconsideram o contexto da palavra no livro, o qual é um argumento em favor da justificação pela fé, e não uma nova luz sobre um novo tipo de comportamento a ser vivido.

Embora a alegoria seja clara, além de ser parte conclusiva de um argumento sobre a justificação pela fé. Os autores continuam a defender a abolição da lei como método de salvação (correto) e como norma de conduta (errado), portanto o contexto híbrido de certo e errado põe por terra toda a compreensão da doutrina da salvação. Dietrich Bonhoeffer cunhou o termo “graça barata” para definir este fenômeno de descompromisso, ou como uma pergunta ilustrativa elucida a questão: O que é mais fácil, casar ou permanecer casado? Evidente que o ato da permanência é o desafio, mas muitos teólogos se ouvidam disto no contexto da soteriologia e alegam que a observância à lei, como norma de conduta não é necessária neste relacionamento para com Deus.

Para Paulo a escravidão corresponde ao legalismo dos judeus, de um lado, e a libertinagem dos gentios para com o pecado de outro. Ambos os comportamentos são obras da carne, portanto, correspondem ao mesmo erro de forma paradoxal.

CONCLUSÃO

Ao terminar este estudo, procuraremos sumariar as conclusões de cada capítulo, e em seguida responder as perguntas levantadas na introdução deste trabalho

No primeiro capítulo, concluímos que existem duas posições principais sobre a compreensão sobre o significado estar em escravidão. As duas posições fazem apologia à observância da lei, entretanto, uma como método de salvação e a outra como método de salvação e como norma de conduta moral.

No segundo capítulo, ao analisar o texto notamos que nenhuma das seis variantes foram relevantes para a compreensão de nosso problema, A perícope deste capítulo (Gl 4:1-31) nos mostra que o foco da argumentação de Paulo era a escravidão imposta pela lei, e a liberdade decorrente da promessa.

No terceiro capítulo, concluímos que o autor de Gálatas é Paulo, escrevendo-o possivelmente de Corinto, entre os anos 57/58 d.C. Também conclui-se que a compreensão sobre o debate legalista sobre a circuncisão, é o coração para entendermos o problema. Em inúmeras passagens a circuncisão é ligada à escravidão. Vale ressaltar que o malefício não está intrínseco na observação desse rito, mas na forma como é observado. A Galácia estava submersa em um contexto pagão, o que lança luz as comparações paulinas dos antigos rudimentos desse mundo (cf. Gl 4:8-11).

No quarto capítulo, ao estudar o gênero literário, notamos que Gálatas trata-se de uma *carta apologética*, o que significa ser de caráter argumentativo. Também foram explicadas as formas literárias registradas: *argumento alegórico, quiasmo, poesia*. Vale ressaltar que as três formas fazem apologia a lei e a escravidão. O uso da *alegoria*, compõe um argumento rabínico final, na intuito de comparar Agar, Sinai, escravidão, em contraposição aos da promessa. Já os dois quiasmos

registrados na perícope (cf. 4:4,5 e 4:24-27) mostram por paradoxo as duas classes de pessoas, os em escravidão e os livres.

No quinto capítulo, verificou-se que para Paulo,"estar em escravidão", pode significar: ser um escravo literal, submissão, escravidão ao pecado, e tentativa de salvação pelas obras. O sentido do termo aponta para a salvação através das obras da lei. Algumas imagens clarificam a compreensão, Logo no início Paulo compara a escravidão a imaturidade de uma criança, apontando a necessidade do amadurecimento cristão, compreensão do evangelho. Vale ressaltar, que o amadurecimento não implica em uma alienação do código moral, ao contrário, significa a santificação, um crescimento contínuo à imagem de Deus. No paralelo de idéias verificamos que o cumprimento das obras não implicam em escravidão, devido a estas serem uma conseqüência e não uma causa para a salvação. A própria contradição aparente da justificação pela fé, em Tiago, aponta para a justificação e a decorrente obediência da lei (Tg 2:10). No paralelo de ensinos gerais, abordamos a doutrina da justificação pela fé em Jesus Cristo e sobre a santificação, sendo esta, uma resposta frente à graça de Cristo.

No capítulo seis, concluímos que a doutrina da salvação, não exclui a observância dos mandamentos, uma vez que o crescimento espiritual depende deles, na luta de todo o cristão contra os pecados. Na reação crítica, consideramos que os autores que acreditam que "estar em escravidão" em Gálatas, significa cumprir a lei moral, quebram pelo menos três princípios: A audiência legalística dessa carta apologética; A própria essência da justificação pela fé; o contexto da palavra no livro, implicando o âmbito legalista de salvação pelas obras.

Concluindo, a salvação pela graça de Cristo não nos dá um livre-conduto para quebrarmos a lei de Deus, de outra forma a Bíblia estaria se contradizendo. Paulo combate a lei como método de salvação (cf. Rm 3:19-30), e a circuncisão como marca exterior da salvação (cf. Rm 2:25-29). Ele tem uma visão geral do AT e NT,

conseguindo compreender harmonicamente a fé e a lei. Seu argumento tem o objetivo de derrubar os três pilares do argumento legalista do primeiro século: Lei, Abraão e circuncisão. Os três eram motivo de orgulho, e maneiras de se buscar a salvação pelas obras. Por isso, o argumento de Paulo prova que a justificação precede a circuncisão, mostrando que antes da obra, vem a fé. Antes da santificação, a justificação.

Portanto, "estar em escravidão", é a condição de todo aquele que busca a salvação por méritos humanos. Entretanto, os cristãos devem guardar o decálogo não para obterem a salvação, mas porque são salvos.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt et al. **The Greek New Testament.** 3 ed. Grand Rapids/MI: Willian B. Eerdmans, 1989.

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). **Bíblia de estudo Almeida.** Revista e atualizada, ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

ARNDT, Willian; GINGRICH, F. Wilbur. **A greek-english lexicon of the New Testament and other early christian literature.** 4 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1952.

BAILEY, James; VANDER BROEK. **Literary forms in the New Testament.** Louisville/KY: Westminster John Knox Press, 1992.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. **Exegetical Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids/MI: Willim B. Eerdmands Publishing Company, 1990.

BARTINA, Sebastian. **Enciclopedia de la Biblia.** V.1. Barcelona: Ediciones Garriza, S.A., 1963.

BETZ, Hans Dieter. **Galatians: a commentary on Paul's letter to the churches in Galatia.** Philadelphia/PA: Fortress Press, 1979.

BLAZEN, Ivan. In: **Handbood of seventh-day adventist theology: commentary reference series.** V.12. Hagerstown/MD: Review and Herald Publishing Association, 2000.

BOICE, James Montgomery. In: **The expositor's Bible commentary.** V.10. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1976.

BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça: sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BULLINGER, Ethelbert W. **Diccionario de figras de dicción usadas em la Bíblia.** Barcelona: CLIE, 1990.

CHAMPLIN, R. N. **O novo testamento interpretado versículo por versículo.** V. 4. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

COLE, R.A. **The letter of Paul to the Galatians.** 2 ed. Grand Rapids/MI: Eerdmans Printing Company, 1989.

DUNN, James D.G. **A teologia do apóstolo Paulo.** Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus Editora, 2003.

ELLIS, E.E. **Paul's use of the Old Testament.** Ann Arbor/MI: Baker Book House Company, 1957.

ERDMAN, Charles R. **Comentário à Epístola de São Paulo aos Gálatas.** São Paulo: Casa Editorial Presbiteriana, 1930.

ESSER, H. Verbete In: BROWN, Colin; LOTHAR, Coenen (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

FITZMYER, Joseph A. **Comentario biblico San Jeronimo.** V. 5. Madrid: Ediciones Cristandad, 1972.

GAEBELEIN, Frank E. (Ed.). **The expositor's bible commentary.** V.10. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1976.

GUTHRIE, Donald. **A Epístola aos Gálatas – introdução e comentário.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.

HOWARD, R. E. [Ed.]. **Beacon Bible Commentary.** Vol. 9. Kansas/Missouri: Beacon Hill Press, 1965.

KITTEL, Gerhard (Ed.). **Theological dictionary of the New Testament.** V. 7. Grand Hapids: Eermans Publishing Company, 1975.

LESSA, Rubens S. (Ed.). **Nisto cremos.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

LONGENECKER, Richard N. **Word Biblical commentary.** V. 41. Dallas/Texas: Word Books, 1990.

LÜHRMANN, Dieter. **Galatians: a continetal commentary**. 1 Ed. Minneapolis: Fortress Press, 1992.

LUND, E. NELSON, P.C. **Hermenêutica: regras de interpretação das Sagradas Escrituras.** São Paulo: Editora Vida, 1968

LUTHER, Martin. **A commentary on saint epistle of the Galatians.** Grand Rapids/MI: Baker Book House, 1979.

MARTIN, Ralph P. **World Biblical Commentary**. V. 48. Dallas/Texas: Word Books, 1988.

METZGER, Bruce, M. **A textual commentary on the greek New Testamento.** London: United Bible Societies, 1971.

MURDOCH, W.G.C. **Interpretation of symbols, types, allegories, and parables.** p. 209-223 in HYDE, Gordon M. (Ed.). **A simposium on biblical hermeneutics.** Washington/DC: The Review and Herald Publishing Association, 1974.

NICHOL, Francis D. (Ed.). **The seventh-day adventist Bible commentary.** V.6. Hagerstown/MD: Review and Herald Publishing Association, 1956.

POHL, Adolf. **Carta aos gálatas comentário esperança.** Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.

PRITCHARD, James. **Ancient Near Eastern Texts.** New Jersey: Princeton University Press, 1950. Código de Hamurabi

SPENCE, H. D. M; EXELL, Joseph S. **The pulpit commentary.** V. 20. Grand Rapids/Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

STAMM, Raymond, T. BUTTRICK, George, A. [ed]. **The interpreters Bible.** New Yourk: Abingdon Press, 1953.

STERN, David. **Jewish New Testament commentary.** 6 ed. Maryland: Jewish New Testament Publications, Inc., 1999.

STOTT, John. **A mensagem de gálatas: somente um caminho.** São Paulo: ABU Editora, 2003.

WAGGONER, E.J. **The Glad Tiding: Studies on galatians.** Mountain View/CA: Pacific Press Publishing Association, 1990.

WHITE, Ellen. Revista: **Signs of the times**. 29 de Abril de 1875.

VELOSO, Mario. In: **Handbood of seventh-day adventist theology: commentary reference series.** V.12. Hagerstown/MD: Review and Herald Publishing Association, 2000.

VINE, W.E. **Diccionario expositivo de palabras del nuevo testamento.** V.2. Barcelona/Espanha: Sedin, 1984.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos pais apostólicos.** São Paulo: Editora Academia Cristã LTDA., 2005.

TUENTE, Rudolf. Verbete In: BROWN, Colin; LOTHAR, Coenen (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

ZUCH, Roy B. **A intepretação biblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.